

DIRECTOR	EDITOR
MARIO CASTELHANO	SILVINO DE NORONHA
ASSINATURA	
INCLUINDO O SUPLEMENTO SEMANAL	
Continentes, colônias e estrangeiros	Meses
Lisboa .....	1 9550
Província .....	3 28500
Africa portuguesa .....	6 66500
Estrangeiro .....	6 102500

## MACHIAVEL — NA RUA DA BARROCA

O Correio da Manhã, muito comprometido, muito afilhado embora, falou—e falando, respondeu à nossa interrogatória; não apoia, nem defende a República, mas apoia e defende a ditadura militar.

Nisto se resume a titubiana resposta aos nossos ataques, que não finham apenas o mérito do desassombro, visto que se apoiavam em factos a que os panegiristas do rei D. Manuel e os restauracionistas da monarquia nem sequer ouviriam referir-se, quanto mais contestar.

Porque se calam os demagogos da extrema direita? Não é o medo que lhes estrangula a voz na garganta, que lhes empresta a pena. É a hipocrisia, é a velhaca atitude política que assumiram, a-fim-de conquistarem pela encruzilhada e por indignos atalhos a vitória que sabem impossível por processos dignos, devido a não ouvarem lutar, frete a frente, com um povo inimigo dos fanatismos e de fanáticos, de tiranias e de tiranos e a quem desagrada visivelmente a implantação dum regime que faça da escravidão um sistema e do retrocesso violento da sociedade, um programa definido.

Se eles não apoiam, nem defendem o regime, como podem eles apregar-se defensores dum situação que está, por meio dos seus mais categorizados representantes, afirmando, constantemente, em actos oficiais, a sua concordância com a república e o seu desejo de defender, contra qualquer possível ataque? Esta grave, incoerência política dissimula mal, péssimamente mesmo, uma grande conveniência e uma tática que, após o drama revolucionário de Monsanto, ficou matichada não só por uma derrota vergonhosa, como pelo arrancar da máscara dos monárquicos que apoiavam o desembrioso.

Monárquicos que não queiram implantar a monarquia não são monárquicos, são, quando muito, adesivos da república—da república que até lhes tem distribuído os lugares que mais podem assegurar a manutenção do regime.

Os monárquicos do Correio da Manhã são monárquicos autênticos que colocam, acima de tudo, como é lógico, como é fatal, a substituição deste regime que eles abominam pelo que eles dedicadamente trabalham para implantar.

O plano de apoio à ditadura militar é considerado, por eles, como uma necessidade imprescindível à realização dos seus objectivos, à modernização do beijo de Judas, que é o mais antigo e o mais completo e também o mais repeleente símbolo da traição. Hoje, já ninguém se ilude a esse respeito; ninguém pode queixar-se sequer de ser colhido de surpresa.

Não é a ditadura que eles apoiam, mas sim as suas esperanças e os seus objectivos políticos. Eles deixam, sem o pretender, é claro, entrever o seu tortuoso pensamento, o seu sinistro objectivo, declarando que «não lhes podem merecer aplausos muitos dos actos da ditadura, com os quais não têm responsabilidades». Então, em que consiste este apoio, ilustríssimos filhos da Machiavel, senhores Monk de jaquetão, ali da rua da Barroca?

Um apoio a uma situação quando se lhe nega aplauso à maioria dos seus actos, é bastante precário e incerto; não chega a constituir apoio mas sim uma coisa que prudamente calamos.

O Correio da Manhã quer ser o orientador, o inspirador, o anjo tutelar da situação. Aconselha a díaria mente. Ainda o tem afirmava, em carta aberta à situação, que se conspira nos cafés, nos clubes, nas casas particulares, nos jardins e nos teatros. E pedia que tudo seja convenientemente vigiado: que se ponha um polícia em cada café, cada casa particular, cada clube, cada jardim, cada teatro—onde não haja monárquicos. Mete a Maçonaria na lista e pede a prisão dos seus dirigentes e insinua, com deprecitativa designação, a captura de elementos operários. Tudo vigiado, tudo perseguido, tudo preso, tudo deportado—tudo menos os monárquicos.

Não pede o polícia para casa do sr. Aires de Ornelas, lugar-tenente do ex-rei, nem para a do sr. Carvalho da Silva, nem para a de todos os seguazes do sr. Paiva Couceiro,

# A BATALHA



## UMA TORPE ESPECULAÇÃO

### A morte de trinta e cinco crianças na América que foi obra de um louco furioso atribuída, com propósitos caluniosos, pelo "Século" e pela "Voz" a um partidário das ideias avançadas

O Século, no seu número de sábado, dia de descanso dos judeus e do sr. Moisés Amzalak que é, além de semita, um dos proprietários daquele jornal, contava que na cidade de Bath, situada em Inglaterra, uma fera humana fizera vorar, por meio de dinamite, uma escola, ficando sob os escombros sepultadas quarenta crianças.

Indignado, o Século, sem o honesto propósito de procurar averiguar as causas determinantes daquele tão inútil como monstruoso atentado, procurou, propositalmente, com a raiva cega dum hídróforo, atingir as ideas extremistas, responsabilizando-as pelo que acontecera. Descobriu, porque o laconismo do telegrama não revelou, quem fôra o seu autor, mas classificou-o logo de indivíduo a quem as ideias avançadas, terrivelmente perigosas e dissolventes, transformaram numa autêntica fera, alimentada dos mais negros ódios e movida pelo sinistro objectivo de exterminar o género humano, sem excluir do massacre as crianças que, pelos seus temores, são inocentes e irresponsáveis em todas as sociedades humanas. Este furor canibalesco recorda um pouco o do dilúvio bíblico ordenado por Deus para castigar os homens e que atingiu iniquamente as bestas, os pobres animais, que pela sua bondade, inocência e inocentes dos actos humanos que provocaram a cólera divina, excessivamente cruel e fulminante.

O Século, numa hora de sinceridade de que não tardou em arrepender-se compungido, tinha, há tempos, atacado, com dureza, toda uma larga série de especulações, feitas à sombra da religião e que, com ela, nada tinham, nem deviam ter. Precisava de um pretexto para afirmar em público o seu desejo de pôr-se de bem com o reaccionismo clerical, e esta explosão serviu-lhe para o efeito. Como em Inglaterra, a religião protestante suplantou as outras, o ex-órgão das «fórcas vivas» atribuiu logo o atentado ao repúdio pelos ingleses das doutrinas católicas.

O sr. Amzalak é um judeu—um judeu que deseja viver em boa paz com os católicos e daí esse elogio à acção moral do catolicismo, elogio feito com a sinceridade fácil de calcular tratando-se dum muito conhecido filho espiritual de Israel.

Era escusada essa atitude servil, porque o tempo dos ódios religiosos já passou e são inuteis todos os esforços que os «huma-

nismos» filhos de Loiola façam para os reacender. Não tem, sr. Amzalak, nem se curve numa reverência respeitosa que é a confissão clara do medo atrás de que está possuído. Os homens de fé não lhe torçam o pescoço por julgar. Nem ao senhor, nem a nenhum outro—e esse respeito pela sua vida, essa tolerância pela sua raça e pela sua religião, deve-a exclusivamente aos que souberam bater e derrotar o fanatismo católico, diminuindo-lhe as proporções e destruindo-lhe os efeitos do seu monstruoso furor homicida.

E a prova de que essa tolerância existe está na circunstância de a própria Voz ter vindos em seu auxílio transcrevendo as passagens mais odiosas do artigo de O Século para as aplaudir, a mãos ambas, entusiasticamente. Chega a ser enternecedora esta aliança da Sinagoga e da Igreja, só para nos atingir, insultar e caluniar!

Unicamente, o absurdo e monstruoso crime de Bath não foi obra dum extremista—e Bath não fica na Inglaterra pela simples razão de ser uma das cidades do Estado de Michigan, da Norte America. E lá se vão duas assentadas, a sova violenta nas ideias avançadas e a apologia insincera da religião católica, como esteio da ordem na Inglaterra. A escola de Bath, onde se deu um atentado—era uma escola burguesa, onde se inculcava às crianças a Bíblia, como o único livro que dão do Universo, e, portanto, de todos os até aqui indecifrados enigmas do Universo, uma explicação completa e duma verdade irrefutável. O tesoureiro da escola, Andrew Kehoe, criatura conservadoríssima para quem a democracia capitalista dos Estados Unidos encerra as mais belas virtudes que têm florescido sobre a terra, e para quem as Sagradas Escrituras merecem o respeito que lhe consagram os mais obsecrados crentes, atacado de loucura, devido a graves dificuldades financeiras, concebeu o sinistro projecto de fazer voar pelos ares a escola, a sua própria casa e de perecer na catástrofe. O director da escola, que pretendeu evitar a explosão, porque notou os manejos do louco, foi também vitimado, o mesmo acontecendo ao chefe da estação do correio e a uma habitante da cidade que na ocasião passava em frente da escola.

Este Nemo, cujo retrato moral já aqui em tempos traçámos, é um velho inflexível, cuja vontade ferrea, nenhuma palpitacção de coração, nenhum sentimento humano consegue torcer ou vergar.

Deve acabar mal. Quando a agonia chegar, arrepender-se há de ter a sua consciência aterrada de remorsos. Pedirá perdão às suas vítimas, mas esse género de arrependimento no limiar de morte, que é habitual nos mais famosos avarentos e nos mais inverados agiotas, a ninguém aproveitará, visto que só chega quando averiguar a sua impotência para continuar agradando e odiando os seus semelhantes.

O Século também não rectifica, nem isto está nos seus hábitos. Aquela folha, de imundo passado e de agiado presente, nunca saberá elevar-se até à confissão voluntária dum êrro, antes sempre tem mantido todas as infâncias saídas dos seus pechos, porque só uma moral a domina—a do dinheiro. O Deus do Século é o Bezerro de Oiro e os srs. Pereira da Rosa e Moisés Amzalak são seus principais sacerdotes.

## CONFERÊNCIAS

### A Evolução da Humanidade

O dr. sr. Santa Rita realiza hoje, à 21.12 horas, na seção da Universidade Popular Portuguesa instalada no Sindicato do Pessoal do Arsenal do Exército, no Campo de Santa Clara, a 2.ª conferência da série sobre «A Evolução da Humanidade», sendo pública a entrada.

### Psicologia do Trabalho

E subordinada a este tema a 5.ª e última conferência da série que o dr. sr. João Camões tem realizado na seção que a Universidade Popular Portuguesa mantiém no Sindicato da Construção Civil.

Esta lição está marcada para a próxima sexta feira, 27, pelas 21.12 horas, sendo livre a entrada.

### Sessão de arte

Realiza-se na próxima quinta-feira, 26, uma sessão de arte na sede da Universidade Popular Portuguesa, rua Particular à Almeida e Sousa, constituída num triste cemitério.

Em poucos dias a fatalidade assolou a região. Primeiramente foi a epidemia do tipo exantemático que apagou da tela da vida, entre outras pessoas, os médicos António Simões Pereira e Joaquim Augusto Amorim da Fonseca, quando se entregavam à ardiosa missão de combater a epidemia. Duas vítimas da ciência, que sob a dígrada terra do cemitério ficarão esquecidas para sempre!

Agora foi uma ferrolha de crepes. A sua população chorou a perda dos seus filhos, enquanto no resto do globo os homens, devido às suas ambições, se degladiam, mal reparando que dum momento para outro uma epidemia ou tromba de água nos reduz à máxima das insignificâncias.

E estes espertíssimos monárquicos, que em república apoiam uma situação, a-pesar desta ter atacado, a-pesar desta se declarar integrada no regime, gastam muita tinta em pedir providências contra uma revolução que, se estalar, encontra neles os mais perversos intituladores e, o que é mais grave, os maiores provocadores e os maiores responsáveis.

O Correio da Manhã quer ser o orientador, o inspirador, o anjo tutelar da situação. Aconselha a díaria mente. Ainda o tem afirmava, em carta aberta à situação, que se conspira nos cafés, nos clubes, nas casas particulares, nos jardins e nos teatros. E pedia que tudo seja convenientemente vigiado: que se ponha um polícia em cada café, cada casa particular, cada clube, cada jardim, cada teatro—onde não haja monárquicos. Mete a Maçonaria na lista e pede a prisão dos seus dirigentes e insinua, com deprecitativa designação, a captura de elementos operários. Tudo vigiado, tudo perseguido, tudo preso, tudo deportado—tudo menos os monárquicos.

Não pede o polícia para casa do sr. Aires de Ornelas, lugar-tenente do ex-rei, nem para a do sr. Carvalho da Silva, nem para a de todos os seguazes do sr. Paiva Couceiro,

## NOTAS & COMENTARIOS

### Quando são favoráveis os ventos...

Caldas da Rainha, aquela vila estremelha que nos fornece graciosos produtos cerâmicos, vai também realizar uma fantochada católica a que por eufemismo se chama procissão. Há muitos anos que não se realiza naquela terra, tão querida de Bordalo Piñheiro, a festa do São João, que dizem ter sido adovgado da agricultura.

Durante esse topo de tempo os reaccionários caldeenses não se arrojaram a vir a praça pública de pália na mão, num gesto grotesco e imbecil, reviver um passado de ignorância e miséria.

Há doze anos a saída dum processo originou trágicos acontecimentos nas Caldas da Rainha. Nem mesmo assim os reaccionários emendaram a mão. Já é terreno de provocar os sentimentos liberais dum povo.

E é preciso que se crie de novo a compreensão de que matar, é um acto indigno, excluindo a guerra... Excluindo a guerra?

Então o sr. Vasco de Mendonça acha que matar é um acto indigno e concorda com a guerra? Das duas um: ou matar é um acto indigno ou não! Na primeira hipótese não se comprehende que se perfilhe a guerra, visto que é quem maiores hecatombes humanas tem provocado, deixando, a respeito de distância, as epidemias e os terramoto.

Se todos os defensores da vida humana tiverem o mesmo critério do articulista do Jornal do Comércio só nos resta uma perspectiva: pôr alargado os cemitérios existentes e estabelecer outros novos.

**O nosso folhetim**

Várias circunstâncias, que procuraremos remediar, forçam-nos a uma indejável suspensão do nosso folhetim. O último Quixote, que tanto agrado vem causando nos leitores de A Batalha. Removidas as dificuldades, prosseguirá a publicação do interessante folhetim, o que sucederá dentro de brevíssimos dias. Esperamos que as circunstâncias possam determinar, de futuro, a maior regularidade na publicação do O último Quixote.

**Uma homenagem**

O almoço de homenagem a Alexandre Vieira e seus colegas da Biblioteca Pública realiza-se no dia 5 de Junho, num dos restaurantes dos arredores de Lisboa.

A inscrição continua aberta na administração do nosso jornal e na Associação dos Compositores Tipográficos, rua das Flores, 13.º.

**Assinem Os mistérios do Povo**

## A PONTE SOBRE O TEJO

### Um grande melhoramento que a insuficiência mental do órgão monárquico não pode alcançar

#### A's objurgatórias do "Correio da Manhã" vão responder os entendidos

A ponte sobre o Tejo não tem passado grande sonho devido à contumaz oposição dos jornais reaccionários e de algumas pessoas a quem o progresso faz coegera na sensibilidade. Todas as vezes que a opinião pública se inclina para a construção desse grande monumento, essa imprensa vem sempre com a contestação: porque a ponte roubará a beleza do rio, porque a ponte inutilizará o porto de Lisboa, etc.

O projecto daquela empresa espanhola, que se propõe construir a ponte sem encargos para o Estado e que há cinco anos anda transitando de ministério para ministério, está dependente do despacho ministerial. Tem já a aprovação do ministro do Comércio e a sanção dos da Guerra e da Marinha.

Um pouco de boa vontade e uma das aspirações populares converter-se há numa realidade.

Todas as comissões competentes já deram o seu veto. Logo o projecto oferece garantias. Assim concordaram as referidas comissões, que são as únicas entidades com autoridade para o fazer.

No entanto, o Correio da Manhã, com a sabedoria de pequena baixa ontem, vege, pigarreou ontem a propósito da ponte. Não quer que ela se construa. Di-lo-e com a autoridade de engenheiro de vila e com a sabedoria de Forastier de pacotilha...!

**EFEMERIDES!**

24 de Maio

- 1794.—Os polacos revoltam-se contra a opressão e tirania dos russos.  
1871.—As tropas versalhesas invadem, em São Sulpício, velhos mulheres e crianças, como comunistas.  
1901.—Morre o eruditíssimo escritor Teixeira Bastos. Alé de muitas outras coisas, deixou-nos «O Jesuítas» e o «Progresso do Espírito Humano».  
1903.—Por causa da greve geral dos agricultores, no distrito de Saratov (Rússia), as autoridades militares proclamaram o estado-de-sítio, havendo grandes distúrbios e exercendo-se a censura à imprensa.  
1912.—Grandes tumultos em Budapest por causa da greve geral.  
1922.—É proclamada a greve geral na Itália, como protesto contra os crimes do maldito fascismo.  
1923.—Por ter sido alvejado a tiro um gerente da Companhia Portugal e Colônias, a imprensa, a sôlido da Moagem, reclama vingança feroz.

**Considerações de sempre**

Nunca como agora se presenciou a miséria que campa por toda a parte. Nunca como agora se encontra tanta miséria, tanta fome, tanta prostituição como nesse tempo que decorre. Miséria moral, miséria material, baixa de caráter, vileza de sentimentos, pensamentos ruins, ódios, más vontades, tudo em suma, é o que se encontra a todo o passo. São crianças que pedem pão, velhos que blasfemam que não se têm um óbito, mulheres que insultam quando as não compram. Desde pequeninos que começam a ser farrapos da vida, bocados de carne dejada à rua e assim vegetam, ociano tudo e todos: querendo mal aos que não conhecem, odiando os que lhes não dão. Causam dão, ao mesmo tempo que faz germinar a revolta contra o sistema social que não trata d'esses farrapos humanos que vagabundiam por essas ruas, rindo, chorando, odiando e malquerendo.

Não esboçam um gesto de revolta, não pensam em modificar a sua negregada vida, assim nasceram, assim querem morrer. De tudo o que mais revolta, o que mais corta o coração, são aqueles que deram o melhor do seu estôrco, o suor, o seu sangue e a sua vida em prol desse estado de coisas, e que é este mesmo estado que os repele, para a miséria os atirou no dia em que mais não lhe podia tirar—os Velhos.

Tristes proletários, que viveram toda a sua vida, numa luta insana, em prol da doença, sustentando com sua faina, com o seu astúrgio o sistema que encontraram e que, quem sabe, talvez pensassem em querer modificar. São párias depois de nada mais terem para dar aqueles que mereciam com o seu abuso. Não pensam esses terríveis e criminosos comerciantes, que elas, aquelas velhinhas de longas barbas brancas, foram quem lhes juntou toda a sua fortuna, toda a sua abundância. Não têm sentimentos, como também se não importam em vender o próprio pai ou mãe: tudo é negocio, tudo rende dinheiro. A mulher, a escrava que há milénios pretende emancipar-se, prostituir-se, vende o seu corpo a quem mais dá, tuberculiza-se, tuberculizando a sociedade.

Se há crimes nefandos, se há lama que enoja, a prostituição é o mais nefando dos crimes, é o mais monstruoso dos atentados contra a vida, contra a própria natureza, que manifesta necessidades, mas não, a prostituição, a pior, lama, lançada sobre aquelas pobres crianças que despertam para a vida, num ânsia louca de viver.

Mas tudo isto não se modifica neste presente estado de coisas. Necessário se torna modificar, isto é, destruir esta sociedade podre e construir uma melhor, dentro da lei natural, onde não existam párias, nem anomalias que dificultam a marcha da felicidade.

Só numa sociedade construída no princípio natural, salvará este estado de coisas o capitalismo em que nos encontramos. Para isso é necessário consciência, e a consciência adquire-se educando-nos.

SULIVAN.

**Sociedades de Recreio**

**Grupo Dramático Solidariedade Operária**—Reúne hoje, pelas 22 horas, o corpo scénico, para tratar de diversos assuntos de interesse.

**Sociedade Instrução Amigos da Infância (Escola Primária)**—Prossegue ram ante-ontem nesta Escola as festas do seu 21º aniversário, constando do concerto pela troupe excursionista «Os Tunes», sob a regência de Alfredo Teixeira, que executou belo repertório, agraciando a toda a assistência.

A's 21 horas houve baile e quermesse. Domingo continuam as festas.

**UM CÍVICO**  
que soube cumprir o seu dever

Ontem, de tarde, pretendia subir a frenética rua das Flores, puxando esforçosamente uma carroça carregada com alguidares de barro, o menor Manuel da Costa Araújo, empregado do comerciante Manuel de Oliveira-Rebelo, estabelecido na travessa da Espera, 28.

O polícia que estava ali de serviço, o n.º 279 da 1.ª esquadra, impressionado com os penosos esforços do rapaz e depois de verificar que a carga excedia o que marcou a lei, pois atingia o peso de 150 quilos, providenciou imediatamente, obrigando que o frete se fizesse por duas vezes e multando o desunido patrão.

Gostosamente registramos este procedimento, em obediência aos ditames da recta justiça a que já mal faltamos.

estreito entendimento, uma das muitas alianças que deixamos imprevidentemente andar à solta, espionando como perigo para todos nós.

Quantas ádamas pintadas ou empoadas nadas temos que objectar: parece-nos que cada um, dentro do seu tugúrio ou do seu palácio, recebe quem lhe apetece e não necessita para nada de estar a colar cartazes nas portas. Gostaríamos de conhecer a pessoa que pretende implantar a moralidade por meio da letra de fórmula.

Iamos jurar que amanhã, será ele o prímeiro, por conveniência, a desobedecer à sua parva iniciativa. Porque será que estes moralistas, grosseiros e brutos, se envolvem no mais vil e mais covarde dos anomâmatos? Deve ser por integridade moral, em excesso...

**CRÓNICA DE COIMBRA****'SMART CLUB'**

A caverna dourada de Coimbra, aquele antro da perversão mais sórdida onde os saltadeiros encasados à larga proliferam na evidenciada dos seus corruptos costumes, é o assunto do dia nesta cidade, o motivo de todas as conversações.

As crónicas que o nosso amigo Pedro Moniz neste jornal tem publicado despartaram a mais viva curiosidade e mereceram a «Batalha» os mais vivos aplausos pelo desassombro da mortigeradora campanha.

O «Smart Club», que só é defendido pelos que vivem no vício e no vício, pelos divorciados da moral e pelos que há muito deixaram de possuir sentimentos punitivos, está considerado pela gente de bem, por aquela que se preza de ser honrada e nunca viveu de crime, como a pior escola de degradação humana e o mais fecundo ambiente de escroquerie.

Nesta classificação justíssima está com unanimidade de opinião a população que do seu honrado trabalho vive.

O que o «Smart Club» é já aqui foi dito com toda a verdade e os leitores de «A Batalha» sabem bem que esta casa de batota em nada difere das suas congêneres de toda a parte.

Este club é como todos os outros uma criminosa ratonera, que um número de cavaleiros de indústria aqui armaram com o fim de levarem a desonra a todos os lares enlameando quantos se deixam cair, vitimadas, libres da roleta, e atraídos pelas mulheres que lá estão a servir de chamariz.

Misto de casa de batota e de lupanar, o «Smart Club» é como que uma nova Califórnia, onde se executam assaltos descarados à bolsa, dos incertos que até lá são arrastados com os balaídos e os cantos das prostitutas, que os seus proprietários importam para esse fim de Lisboa e Porto.

Naquela casa joga-se, e, portanto, rouba-se, com o descorso mais inaudito e com o benefício de quem de direito tinha o dever de olhar por estas coisas.

Esse antro vive mesmo com os favores escândalos que lhe prestam os que estão colocados na alta esfera da governação local, os quais, em vez de mandarem encerrar o foco da pestilência corrupção, determinam a perseguição aos que o denunciam.

O amigo Pedro Moniz está sendo procurado pela polícia, que o pretende prender por ter desvendado neste jornal a grande série de crimes que lá se praticam e teve de se ausentar desta cidade para não pagar o que outros devem.

Este facto vergonhoso obriga-nos a fazer considerações muito a propósito sobre a corrupção moral burguesa que cada vez mais atua a sociedade capitalista no panorama das suas infâmias.

Os roubos, os escândalos e todo o crime gozam do aplauso e da proteção dos defensores do estado social presente, e nós, os anarquistas, que denunciamos ao público a crápula que caracteriza a organização burguesa, somos perseguidos, como cães leprosos.

Até um dia!

Alcino de CASTRO

**DESPORTOS****NO ESTRANGEIRO**

Futebol franco-espanhol

PARIS, 23.—No encontro de ontem a «équipe» espanhola de futebol bateu a francesa, por 4 a 1.—(L.)

A taça Davis

BRUXELAS, 23.—A Bélgica bateu a Polónia no concurso da taça «Davis».—(L.)

**Solidariedade**

No próximo dia 11 do corrente, realiza-se no Salão de festas da Construção Civil, uma recita a favor de António José do Lugar, para custear das despesas que faz com o funeral da sua querida companheira. Subirá à cena o drama «Os Gatinhos de Luva Branca» e um acto de Variedades desempenhado pelo Grupo Dramático Solidariedade Operária. Abrilhantará o espectáculo um excelente Grupo Musical.

Os camaradas que queiram adquirir bilhetes podem requisitá-los à Secção dos Estudantes, às terças e sextas-feiras.

Já está à venda na nossa administração

**La verdad sobre Jesus**

por HAN RYNER

Conferência—controvérsia, realizada em 31 de Março de 1926, no Grande Salão das Sportes Saventes de Paris.—Tradução espanhola de Elizolde com um desenho do cartaz de Shuan—Preço 1.500.—A's 20/21/22/23/24/25/26/27/28/29/30/31/32/33/34/35/36/37/38/39/40/41/42/43/44/45/46/47/48/49/50/51/52/53/54/55/56/57/58/59/60/61/62/63/64/65/66/67/68/69/70/71/72/73/74/75/76/77/78/79/80/81/82/83/84/85/86/87/88/89/90/91/92/93/94/95/96/97/98/99/100/101/102/103/104/105/106/107/108/109/110/111/112/113/114/115/116/117/118/119/120/121/122/123/124/125/126/127/128/129/130/131/132/133/134/135/136/137/138/139/140/141/142/143/144/145/146/147/148/149/150/151/152/153/154/155/156/157/158/159/160/161/162/163/164/165/166/167/168/169/170/171/172/173/174/175/176/177/178/179/180/181/182/183/184/185/186/187/188/189/190/191/192/193/194/195/196/197/198/199/200/201/202/203/204/205/206/207/208/209/210/211/212/213/214/215/216/217/218/219/220/221/222/223/224/225/226/227/228/229/230/231/232/233/234/235/236/237/238/239/240/241/242/243/244/245/246/247/248/249/250/251/252/253/254/255/256/257/258/259/260/261/262/263/264/265/266/267/268/269/270/271/272/273/274/275/276/277/278/279/280/281/282/283/284/285/286/287/288/289/290/291/292/293/294/295/296/297/298/299/299/300/301/302/303/304/305/306/307/308/309/310/311/312/313/314/315/316/317/318/319/320/321/322/323/324/325/326/327/328/329/330/331/332/333/334/335/336/337/338/339/340/341/342/343/344/345/346/347/348/349/350/351/352/353/354/355/356/357/358/359/360/361/362/363/364/365/366/367/368/369/370/371/372/373/374/375/376/377/378/379/380/381/382/383/384/385/386/387/388/389/390/391/392/393/394/395/396/397/398/399/399/400/401/402/403/404/405/406/407/408/409/410/411/412/413/414/415/416/417/418/419/420/421/422/423/424/425/426/427/428/429/430/431/432/433/434/435/436/437/438/439/440/441/442/443/444/445/446/447/448/449/449/450/451/452/453/454/455/456/457/458/459/459/460/461/462/463/464/465/466/467/468/469/469/470/471/472/473/474/475/476/477/478/479/479/480/481/482/483/484/485/486/487/488/489/489/490/491/492/493/494/495/496/497/497/498/499/499/500/500/501/502/503/504/505/506/507/508/509/509/510/511/512/513/514/515/516/517/517/518/519/519/520/521/522/523/524/525/526/527/528/529/529/530/531/532/533/534/535/536/537/538/539/539/540/541/542/543/544/545/546/547/548/549/549/550/551/552/553/554/555/556/556/557/558/559/559/560/561/562/563/564/565/565/566/567/568/569/569/570/571/572/573/574/575/576/577/578/579/579/580/581/582/583/584/585/585/586/587/588/589/589/590/591/592/593/593/594/595/595/596/597/597/598/598/599/599/600/600/601/602/603/604/605/606/607/608/609/609/610/611/612/613/614/615/616/617/618/619/619/620/621/622/623/624/625/626/627/628/629/629/630/631/632/633/634/635/636/637/638/639/639/640/641/642/643/644/645/646/647/648/649/649/650/651/652/653/654/655/656/656/657/658/659/659/660/661/662/663/664/665/666/667/668/669/669/670/671/672/673/674/675/676/677/678/679/679/680/681/682/683/684/685/685/686/687/688/689/689/690/691/692/693/693/694/695/695/696/697/698/698/699/699/700/700/701/702/703/704/705/706/707/708/709/709/710/711/712/713/714/715/716/717/718/719/719/720/721/722/723/724/725/726/727/728/729/729/730/731/732/733/734/735/736/737/738/739/739/740/741/742/743/744/745/746/747/748/749/749/750/751/752/753/754/755/756/756/757/758/759/759/760/761/762/763/764/765/766/767/768/769/769/770/771/

## CONSELHO TÉCNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria tais como: edificações, reparações, impresas, construção de fornos em todos os gêneros, jazigos em todos os gêneros, fogões de sala, xadres, frentes para estabelecimentos e todos os trabalhos em cantaria e mármores de todas as proveniências.

Telefone - 539 Trindade

Escrítorio:

Rua da Batalha, 38-A, 2º

## ISQUEIROS

Tubos, rodas, chaminés, fundos, molas e pedras, a preços reduzidos.

Pedidos a:

FRANCISCO LATTA

LARGO DO CONDE BARÃO, 55

Tabacaria e Kiosque

## FÁBRICA

(cadrilhos, mosaicos, azulejos, cimento)

GOARMON & C. A.

Travessa do Corpo Santo, 17 a 19

- TELEF. C. 1244 - LISBOA -

## Obras de Eça de Queiroz

O crime do Padre Amaro.....	18000
O primo Basílio.....	15000
O Mandarim.....	8000
Os Maias (2 vol.).....	28000
A Reliquia.....	1500
A Cidade e as Serras.....	12000
Fridique Meneses.....	9500
Casa Ramires.....	15000
Prosa Bárbara.....	10500
Ecos de Paris.....	9500
Cartas Familiares.....	9500
Cartas de Inglaterra.....	9500
Minas de Salomão.....	9500
Notas Contemporâneas.....	15500
Últimas páginas.....	15500
Contos.....	15500

A venda na administração  
de "A Batalha"

## Companhia de Seguros "A Luzitana"

Sociedade Autônoma de Responsabilidade Limitada

CAPITAL 500 CONTOS

Sede: Avenida da Liberdade, 18 - LISBOA

Assembleia Geral Extraordinária

Convoco a Assembleia Geral Extraordinária a reunir no dia 11 de Junho pelas 14 horas, na sede da Companhia, sendo a ordem do dia:

Apreciar a situação da Companhia, deliberar acerca da sua liquidação e nomear os liquidatários em conformidade com os artigos 46 e 47 dos Estatutos e 130 a 135 do Código Comercial.

Lisboa, 23 de Maio de 1927.

O Presidente,  
António dos Santos Viegas.

## Por Julião Quintinha

Vizinhos do Mar.....	8500
Cavalgada do Sonho.....	8500
Terras de Fogo.....	8500
Dôr vitoriosa (novela).....	255

## Por Ferreira de Castro

Sangue Negro.....	2500
Sendas e Lirismo e de Amor.....	8500
A Peregrina do Mundo Novo.....	6500
F. Castro e E. Frias - A Bóca da Esfinge.....	8500

A venda na administração  
de "A Batalha"

## TUDO AOS MONTES



## ESTE SEGURO IMPÕE-SE A TODOS OS TRABALHADORES

Todo o operário ou trabalhador por 33 CENTAVOS POR DIA garante aos seus, em caso de morte, um capital de ESC. 5.000\$00 pago imediatamente. Se economizar 58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS garante para a sua velhice uma pensão de reforma de ESC. 100\$00 MENSAIS pagos enquanto for vivo.

Operários, trabalhadores, sede previdentes para com as vossas famílias e para com vós mesmos, segurando-vos em

## A MUNDIAL

Companhia de Seguros



Sociedade Anónima  
de Responsabilidade Limitada

Sede - Rua Garrett, 95

LISBOA

IMPORTANTE:

Mediante um ligeiro sobre-prémio,

A MUNDIAL põe-vos-há ao abrigo da

DOENÇA E INVALIDEZ

## NORTE 5521 e 5528

São os telefones dos 60 taxis

## CITROËN

(Palhinha amarela)

## Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

que devido aos seus postos e garages espalhados pela cidade servem os seus clientes com grande economia de tempo e de dinheiro

GARAGES: Avenida Visconde de Valmor, 70 a 76 (sede) e Avenida Almirante Barroso, 21

SUCURSAL: Largo da Estação do Rossio

## INSTITUTO POLICLÍNICO DA ESTEFÂNIA

Largo D. Estefânia, 6, 1.º - Telefones N. 3435

CORPO CLÍNICO - DOUTORES

A. de Almeida Rocha - Clínica geral - às 14 h.

António de Carvalho - Pele e sifilis - às 18 h.

Berta de Morais - Doenças das senhoras - às 14 1/2 h.

Carlos Guerra - Clínica médica - Doenças do coração e pulmões - às 12 h.

Domingos Dias - Doenças da boca e dentes - Prótese - Doenças tropicais - às 17 1/2 h.

Fernando Waddington - Raio X - Electricidade médica.

Heitor da Fonseca - Clínica médica - Doenças do estômago, intestinos e fígado - às 13 h.

J. Pais de Laranjeira - Doença dos rins e vias urinárias - às 11 h.

José Salazar Carreira - Doenças das crianças, ortopedia, ginástica e massagem médica - às 10 h. e 1/2.

Lopes de Andrade - Doenças dos olhos - às 17 1/2 h.

Pedro Roberto Chaves - Análises clínicas.

Teodoro Almeida de Carvalho - Cirurgia, operações - às 16 h.

INSTITUTO POLICLÍNICO DA ESTEFÂNIA

Largo D. Estefânia, 6, 1.º - Telefones N. 3435

CORPO CLÍNICO - DOUTORES

A. de Almeida Rocha - Clínica geral - às 14 h.

António de Carvalho - Pele e sifilis - às 18 h.

Berta de Morais - Doenças das senhoras - às 14 1/2 h.

Carlos Guerra - Clínica médica - Doenças do coração e pulmões - às 12 h.

Domingos Dias - Doenças da boca e dentes - Prótese - Doenças tropicais - às 17 1/2 h.

Fernando Waddington - Raio X - Electricidade médica.

Heitor da Fonseca - Clínica médica - Doenças do estômago, intestinos e fígado - às 13 h.

J. Pais de Laranjeira - Doença dos rins e vias urinárias - às 11 h.

José Salazar Carreira - Doenças das crianças, ortopedia, ginástica e massagem médica - às 10 h. e 1/2.

Lopes de Andrade - Doenças dos olhos - às 17 1/2 h.

Pedro Roberto Chaves - Análises clínicas.

Teodoro Almeida de Carvalho - Cirurgia, operações - às 16 h.

INSTITUTO POLICLÍNICO DA ESTEFÂNIA

Largo D. Estefânia, 6, 1.º - Telefones N. 3435

CORPO CLÍNICO - DOUTORES

A. de Almeida Rocha - Clínica geral - às 14 h.

António de Carvalho - Pele e sifilis - às 18 h.

Berta de Morais - Doenças das senhoras - às 14 1/2 h.

Carlos Guerra - Clínica médica - Doenças do coração e pulmões - às 12 h.

Domingos Dias - Doenças da boca e dentes - Prótese - Doenças tropicais - às 17 1/2 h.

Fernando Waddington - Raio X - Electricidade médica.

Heitor da Fonseca - Clínica médica - Doenças do estômago, intestinos e fígado - às 13 h.

J. Pais de Laranjeira - Doença dos rins e vias urinárias - às 11 h.

José Salazar Carreira - Doenças das crianças, ortopedia, ginástica e massagem médica - às 10 h. e 1/2.

Lopes de Andrade - Doenças dos olhos - às 17 1/2 h.

Pedro Roberto Chaves - Análises clínicas.

Teodoro Almeida de Carvalho - Cirurgia, operações - às 16 h.

INSTITUTO POLICLÍNICO DA ESTEFÂNIA

Largo D. Estefânia, 6, 1.º - Telefones N. 3435

CORPO CLÍNICO - DOUTORES

A. de Almeida Rocha - Clínica geral - às 14 h.

António de Carvalho - Pele e sifilis - às 18 h.

Berta de Morais - Doenças das senhoras - às 14 1/2 h.

Carlos Guerra - Clínica médica - Doenças do coração e pulmões - às 12 h.

Domingos Dias - Doenças da boca e dentes - Prótese - Doenças tropicais - às 17 1/2 h.

Fernando Waddington - Raio X - Electricidade médica.

Heitor da Fonseca - Clínica médica - Doenças do estômago, intestinos e fígado - às 13 h.

J. Pais de Laranjeira - Doença dos rins e vias urinárias - às 11 h.

José Salazar Carreira - Doenças das crianças, ortopedia, ginástica e massagem médica - às 10 h. e 1/2.

Lopes de Andrade - Doenças dos olhos - às 17 1/2 h.

Pedro Roberto Chaves - Análises clínicas.

Teodoro Almeida de Carvalho - Cirurgia, operações - às 16 h.

INSTITUTO POLICLÍNICO DA ESTEFÂNIA

Largo D. Estefânia, 6, 1.º - Telefones N. 3435

CORPO CLÍNICO - DOUTORES

# A BATALHA

Uma só coisa pode dar à vida humana o seu verdadeiro sentido e a sua verdadeira dignidade: a energia do bem, energia que só se adquire pela própria prática do bem — BLAKIE



## EXERCÍCIO DE FARMÁCIA

No Ateneu Comercial de Coimbra realizou-se uma importante sessão, sendo tratado o momento problema

O momento assunto que é o movimento de protesto dos profissionais de farmácia de todo o país contra o decreto 13.470 está, e continuará estando, na ordem do dia.

De norte a sul os ajudantes de farmácia se agitam pugnando pelos seus direitos olvidados e redobrando de esforços na luta empreendida a favor das suas regalias cedidas.

Esse movimento que há um mês se iniciou vai assumindo cada vez maior vulto e importância à medida que os interessados se capacitam do alto valor que representa a sua união e se dispõem a enveredar pela senda que lhes poderá dar a vitória.

Nas sedes de todos os núcleos, por esse país fora, as reuniões, as assembleias magnas, têm-se sucedido umas após outras, de todas elas saindo assente a necessidade de protesto se intensificar.

Segundo o exemplo do que já sucede em outras localidades, a Associação dos Profissionais de Farmácia da área dos distritos de Leiria, Guarda, Viseu, Coimbra e Aveiro, com sede na penitúnia destas cidades, resolveu convocar uma reunião magna dos ajudantes de farmácia da sua área, que se efectuou no passado domingo, dia 22, na sede do Ateneu Comercial de Coimbra, aí-lhe de ser analisado em conjunto o decreto referido e deliberar sobre a atitude mais coerente a assumir.

A esta reunião que havia já sido antecipadamente anunciada e estava marcada para as 15 horas, assistiram quatro delegados de Lisboa, vindos aqui na passagem de regresso de Braga onde foram com igual missão.

Passadas já as 16 horas e com a presença da totalidade dos empregados de farmácia de Coimbra e várias delegacias de outros pontos, sobe ao estrado o sr. Franklin da Costa Leite, que dá inicio aos trabalhos começando por expor os motivos daquela reunião e salientando a necessidade dum forte união dos empregados de farmácia.

Por sua proposta é a seguir constituída a mesa, que fica presidida pelo sr. António Joaquim Esteves, de Lisboa, secretariado pelos srs. Salvador Rodrigues e José Lourenço Júnior.

## O valor da organização sindical

Ultimamente esta praxe, o primeiro orador inscrito continua fazendo uso da palavra iniciando uma breve história da sua ação no movimento associativo, que vai ilustrando com a referência a factos passados.

Criticando depois a forma atrabilíaria como o protesto tem sido organizado no sul, visto que não é competente associação de classe quem o norteia, faz a caliosa apologia da organização sindical e afirma que só por ela se poderá conseguir neste caso, e em todos, algo de proveitoso para os que são forçados a protestar.

Lembra a necessidade do esquecimento dos interesses individuais para que se possa, sómente, atender aos colectivos e diz não estar presente para fazer valer o projecto de Emílio Fragoso ou o de Alfredo Pereira.

Antes defende a necessidade de se pugnar por um diploma ministerial que salvaguarda os direitos da numerosa classe a que pertence, que não esqueça as circunstâncias devores críticas em que todos vivem e que trate com o mesmo carinho a questão de salário que não deve ser, no presente movimento, esquecida.

Em final do seu discurso alude à indispensabilidade de um congresso nacional dos empregados de farmácia que está já sendo organizado pela Associação desta ciéade e ao qual é urgente que todos deem o prestígio concurso.

O sr. Branco Lisboa, delegado da Comissão de Defesa dos Interesses dos Empregados de Farmácia de Lisboa, principia por descrever os antecedentes da questão que agora se agita e prossegue por largo tempo na descrição das diligências feitas pela citada comissão para que fosse revogado o decreto n.º 13.470.

A rechear a história que faz das consultivas «démarches», cita as várias conferências com o ministro da Instrução e Direcção Geral de Saúde e lê a cópia da petição enviada ao ministro, que merece os assistentes fortes aplausos.

Para esclarecimento, lê também alguns períodos do projecto Emílio Fragoso, com os quais fundamenta a sua opinião de que ele não prejudica os empregados de farmácia com a obrigatoriedade do curso, pois que ele se poderá levar a cabo sem o abandono da sua profissão.

Em resposta ao orador antecedente, afirma que não são elas (a Comissão de Defesa) quem se afasta do espírito colectivo, mas sim a própria Associação de Lisboa.

Procede à leitura das bases publicadas no órgão corporativo Arauto, que conquistaram novos aplausos, e depois os esclarecimentos que lhes acrescenta, dà por fundo o mosa da sua palavraria.

## O curso de auxiliares de farmácia

A seguir, fala o sr. Regatão, que abre as suas considerações com a declaração de que o momento não é para discursos, mas sim para ação.

Declara que não fala nem como patrão nem como empregado, pois que nenhuma destas coisas é, conquanto tivesse sido a última durante alguns anos, mas como delegado da Comissão já citada.

Faz sciente os presentes de que é só o seu amor pela colectividade que o move e lamenta que as associações de classe se tenham esquecido da força que só quando bem orientadas e atacadas por terem sido elas que se divorciaram da ação que a Comissão anda realizando, negando-lhe a cooperação.

Considerando-a parvoice e bastante vaga, combate a ideia do Curso de Auxiliares de Farmácia defendida pelo Pôrto.

Refre que o ministro acha justas as reclamações da Comissão e espraiá-as no relato de algumas palavras daquele senhor.

Alude ao espírito de sindicalismo que o anima — a é, orador — e diz, referindo-se ao protesto que urge intensificar: «se não se formular o protesto, resta, como única atitude digna, os ajudantes estabelecidos encerrarem as suas farmácias de

## NO REGIME CAPITALISTA

### A grave situação industrial na Rússia

A desocupação foi sempre um mal endémico e crescente no sistema capitalista. Os pensadores haviam determinado, como axioma, que se tornava impossível extinguir o mal, enquanto o capitalismo dominasse, sob qualquer das suas formas, seja particular, seja do Estado.

As massas do Ocidente foram iludidas, e continuam sendo iludidas, com o mito da revolução bolxevista. Mas chegou a hora, e, reuniendo-se tódas, a variedade de elementos, se dar conta de que o regime em que as grandes propriedades e as indústrias estão nas mãos do Estado — o que quer dizer que se estatizaram, não se socializaram — é apenas uma forma avançada de capitalismo perverso.

Sobre a ditadura bolxevista, o trabalho encontra-se, como sob a ditadura plutocrática ou burguesa, sujeito ao sistema da oferta e da procura, à lei do salário, às flutuações do mercado, e de igual modo se considera o trabalho uma mercadoria que se compra e se vende.

Teoricamente, os governantes comunistas suprimiram as classes; praticamente, porém, não deixou de existir na Rússia a luta de classes — com algumas diferenças — tal como sucede em França ou Estados Unidos, os mais ductis têm a probabilidade de se enriquecer em prejuízo dos produtores.

Da presumida revolução social ficou pouco à classe trabalhadora. Agora, claramente, apenas se percebe a realidade de uma mudança de regime político com rudimentar alteração do antigo sistema. O trabalhador sente fome e é explorado pela burguesia internacional cujo dogma é o capitalismo de Estado.

A Nep reforçou o regime do salariado e as crises periódicas das indústrias e da agricultura — que deixam sem trabalho centos de milhares de operários e milhões de seres na miséria — produzem-se na Rússia com o mesmo ritmo sentido na Europa burguesa.

A forçada inactividade é tão evidente que o próprio relatório oficial do comissariado de Moscovo o reconhece. E certo que os bolxevistas adoptam medidas certeiras para a combater; serão, todavia, inúteis, porque o desemprego está jungido à essência do regime e, como dizímos, à existência inteira do capitalismo.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável.

Luis de Camões, presidente Saraiva (ou presidente Landru como já lhe chama o vulgo) merecia a veneração do Universo inteiro, se fosse vivo; seria capaz de morrer outra vez, logo que visse a ingratidão, a ignorância, a torpeza vil desta gente miserável